

Pós-AVE E A Depressão: Uma Abordagem Sobre As Consequências Indiretas Causadas Por Esse Acometimento

Anna Laura Naves Rocha Costa¹, Bruno Simão Vilela¹, Giovanna Lyssa de Andrade Dutra¹, João Pedro Duarte de Andrade¹, Juliana Cintia Valverde Santos¹, Susan Gonçalves Oliveira Mendes Siqueira¹, Andreia Moreira da Silva²

1. Discente do curso de Medicina do Centro Universitário UniEVANGÉLICA.

2. Docente curso de Medicina do Centro Universitário UniEVANGÉLICA.

RESUMO: O Acidente Vascular Encefálico é uma enfermidade acarretada pela obstrução (AVC isquêmico) ou rompimento de vasos sanguíneos (AVC hemorrágico) que nutrem o cérebro, de tal maneira que essa doença pode causar diferentes sinais e sintomas, podendo também deixar sequelas. A depressão é um distúrbio psiquiátrico caracterizado por uma contínua sensação de tristeza, de tal forma que a sua incidência é crescente na população mundial. Além disso, esse transtorno é uma das principais sequelas do AVE. Dessa maneira, este trabalho tem como objetivo evidenciar a relação entre o quadro pós-AVE e a manifestação da depressão como sequela. Este estudo foi formulado no modelo de mini revisão integrativa da literatura, utilizando-se artigos presentes na plataforma do Google Acadêmico, por meio dos descritores: Depressão, AVC (Acidente Vascular Cerebral) e AVE (Acidente Vascular Encefálico). De acordo com a literatura, a maior parte dos pacientes com AVE possuem faixa etária superior a 50 anos, com mesma prevalência entre os sexos e maior predominância do AVE do tipo isquêmico. No que diz respeito ao desenvolvimento da depressão pós-AVE, se mostrou mais incidente entre pessoas com apoio social deficiente, menor nível socioeconômico, histórico de AVE prévio, atividades pobres da vida diária, escolaridade baixa e idosos que não possuem companheiro. O acompanhamento profissional desses pacientes com dano encefálico é importante para assegurar a melhor reabilitação das funções motoras, como também para diminuir os sintomas depressivos. Sendo assim, fica claro que a ocorrência do AVE têm impactos em diversos aspectos do cotidiano do indivíduo, haja vista que, assim, é necessário uma completa reformulação de sua vida, bem como de seus costumes e hábitos.

Palavras-chave:
Acidente Vascular Encefálico. AVE. Revisão integrativa. Depressão.

INTRODUÇÃO

A definição de AVC refere-se a uma doença ocorrida pela entupimento ou mesmo rompimento dos vasos sanguíneos responsáveis pela irrigação cerebral, que pode levar a diversos sinais e sintomas, e também a sequelas. O AVC é um déficit neurológico que pode ocorrer por duas principais formas: súbita, normalmente devido à presença de fatores de risco prévios, ou por um defeito neurológico focal (aneurisma). O AVC pode ser de dois tipos: isquêmico, quando há oclusão de vasos privando as células dos nutrientes, ou hemorrágico, quando há extravasamento do sangue (CANCELA, 2008).

A depressão é um transtorno psiquiátrico marcado pela constante sensação de tristeza intensa e, apesar de apresentar crescente incidência no mundo, ainda sofre com subdiagnósticos e tratamento inadequado. Além disso, é um importante fator que altera a qualidade de vida de um indivíduo e suas relações sociais, tornando-se, assim, fator de risco de diversas doenças. No caso do AVE, a depressão torna-se muito presente como sequela (TENG; HUMES; DEMETRIO, 2005).

A depressão, além de ser uma doença quase epidêmica no mundo é também bem prevalente no Brasil. Segundo o Jornal da Universidade de São Paulo (USP) apud Organização Mundial da Saúde (OMS), conforme dados de 2018, o índice de depressão mundial corresponde a 322 milhões de indivíduos. No Brasil, esse índice corresponde a 5,8% dos habitantes, a maior taxa do continente latino-americano. Quanto a prevalência e incidência de depressão no Brasil, existem poucos estudos que abordam o tema. Esse transtorno, é considerado multifatorial, por envolver não somente fatores biológicos como também os sociais e psicológicos (FERNANDES; FALCONE; SARDINHA, 2012).

A importância do presente trabalho é apresentar a conexão existente entre o quadro de pós-AVE e o surgimento da depressão como uma possível sequela. Portanto, nosso trabalho teve como foco a comparação dos resultados obtidos em diferentes artigos para conseguirmos chegar a uma discussão abrangente.

METODOLOGIA

Mini Revisão da literatura a partir da pergunta norteadora, a qual é correlacionar o surgimento da depressão com o estágio de pós-AVE. Os artigos foram pesquisados na plataforma de busca Google Acadêmico, através dos descritores: Depressão, AVC (Acidente Vascular Cerebral) e AVE (Acidente vascular Encefálico) e do booleano: AND.

Foram selecionados 5 artigos. Os critérios de inclusão utilizados foram os estudos com publicação nos últimos 5 anos, ou seja, entre os anos de 2015 a 2020. Como parâmetros de exclusão foram retirados, qualquer artigo que fosse do tipo revisão bibliográfica ou que abordasse o tema de forma superficial e, por fim, qualquer estudo que tivesse análises de núcleos muito específicos, que limitaria assim a aplicação do estudo no contexto geral.

RESULTADOS

Atualmente, o acidente vascular encefálico (AVE) ocupa o segundo lugar no Brasil como causa de morte e é a doença que, a longo prazo, é a principal causadora de incapacidades no mundo. Tal doença, pode ter a depressão como consequência, sendo esta de grande frequência como manifestação psiquiátrica nos pacientes pós-AVE. (TEIXEIRA; MENEZES; CARVALHO, 2017)

Existem vários fatores que podem desencadear esse quadro depressivo e influenciar no desempenho cognitivo no pós-AVE. O grande ponto é que a autonomia funcional, na qual o indivíduo tem plena capacidade de realizar suas atividades diárias sem a ajuda de outra pessoa, é devidamente comprometida. Nesse sentido, o AVE traz consigo diversas mudanças no dia a dia dos pacientes, sendo que o aumento da dependência funcional é um dos principais aspectos para o desenvolvimento de sintomas depressivos (SANTOS, 2016).

A literatura mostra que a maioria dos pacientes acometidos com AVE está na faixa etária acima de 50 anos, com mesma prevalência entre os sexos e o que prevalece é o AVE do tipo isquêmico (VIEIRA, 2018). Já sobre os dados sociodemográficos destes pacientes, a maioria possuía entre ensino fundamental incompleto e ensino médio completo.

Considerando os fatores de risco para desenvolver depressão pós-AVE, destacaram-se o apoio social deficiente, o menor nível socioeconômico, o histórico de AVE prévio e as atividades pobres da vida diária (TEIXEIRA; MENEZES; CARVALHO, 2017). Além disso, para o desenvolvimento desse quadro clínico, foi observado que a incapacidade funcional não se destaca como fator de risco, mas sim o aumento da dependência funcional nesses pacientes e a presença de histórico de depressão prévio ao AVE, que possuem maior probabilidade de ocorrência desse agravo à saúde. (SANTOS, 2017). Os pacientes que sofrem de AVE vivenciam sentimentos negativos relacionados ao pós-AVE, que também podem desencadear sintomas depressivos, como alterações no padrão de sono, cansaço ou fadiga e perda de interesse por sexo (SANTOS, 2017). Em relação à esses sentimentos, o que mais se destaca é o dado de que cerca de 95% deixou interesses e atividades, seguido por cerca de 64% que se sentem inúteis nas atuais circunstâncias e o de que cerca de 58% sentem a vida vazia (MORAES, 2018). Com isso, percebe-se que essas sensações negativas influenciam os entrevistados, em maior ou menor grau, a desencadear essa complicação psiquiátrica. Em relação à escolaridade, a literatura aponta que a baixa escolaridade está relacionada com o maior grau de sintomas depressivos (TEIXEIRA; MENEZES; CARVALHO, 2017), embora SANTOS (2017), tenha apontado que o nível de ensino não influenciava na prevalência de depressão pós-AVE em idosos.

Outro fator importante para desenvolvimento de depressão no pós-AVE é o local de lesão cerebral, a partir de critérios diagnósticos baseados na presença de déficit focal agudo, confirmado na tomografia computadorizada. Assim, foi observado que pacientes com lesão no hemisfério esquerdo e

com lesões bilaterais estavam mais propensos ao desenvolvimento da depressão pós-AVE (TEIXEIRA; MENEZES; CARVALHO, 2017).

Outro aspecto de grande relevância mostrada na literatura é prevalência de sintomas depressivos e ideações suicidas nos idosos com plegias decorridas por AVE. A frequência de ideação suicida nesses pacientes se mantém conforme o grau depressivo. Sua prevalência alcança 23% dos pacientes e os fatores sociodemográficos não se relacionaram com esses dados (MORAES, 2018). Já em relação à depressão, os fatores sociodemográficos, como escolaridade, estado civil e renda familiar estão associados e, sendo assim, dados mostraram que a prevalência de sintomas depressivos foi cerca de 56%. Se tratando do estado civil, os idosos que não possuem companheiro apresentaram maior prevalência da depressão (MORAES, 2018).

Assim, é possível concluir que essas duas manifestações psiquiátricas nos pacientes idosos que tiveram alguma plegia é, também, um fator para agravar a qualidade de vida no pós-AVE. Outro estudo também realizado em idosos que sobreviveram a esse dano encefálico mostrou que a prevalência da depressão pode variar também em relação ao período pós-AVE, uma vez que, 28% dos pacientes relataram depressão no primeiro mês e, ao analisar pacientes nos cinco primeiros anos, esse dado aumentou para 31%. Outra correlação se tratando de idosos é sobre as outras doenças que também fazem parte do quadro clínico desses pacientes, sendo a hipertensão e diabetes mellitus as mais frequentes (SANTOS, 2015).

Além disso, logo após o AVE, os sintomas depressivos influenciam nas funções neuropsicológicas. Esses sintomas, juntamente a gravidade do quadro neurológico dos pacientes, explicam a variância do desempenho em tarefas que englobam a memória, a atenção e as funções executivas nos quadros analisados de funcionamento cognitivo de adultos de três a seis meses pós-AVE (SANTOS, 2017). Com isso, a dependência funcional é comprometida tanto para a realização de tarefas diárias quanto para o desenvolvimento de atividades profissionais que esses pacientes desenvolviam antes de sofrerem sequelas advindas do AVE. Um dado importante foi encontrado em um dos artigos, ao qual aponta que 100% dos pacientes entrevistados foram aposentados de suas atividades profissionais após as consequências do acidente encefálico (VIEIRA, 2018).

É importante ressaltar que o acompanhamento desses pacientes com profissionais habilitados após esse dano encefálico é extremamente necessário para garantir uma melhor reabilitação das funções motoras e, também, como estratégia de enfrentamento para minimizar os sintomas depressivos até mesmo para preveni-los. Em um dos artigos analisados, dados mostraram que cerca de 71% dos pacientes faziam acompanhamento neurológico e que 42% deles realizavam acompanhamento fisioterapêutico. Sendo assim, evidencia que é recorrente a busca por profissionais que auxiliam o paciente a lidar com as sequelas pós-AVE (VIEIRA, 2018).

Quadro 1 - Análise comparativa das variáveis do estudo

	Análise
Tipo de estudo	Em relação aos 5 artigos utilizados, 3 são do tipo transversal, e 2 não são transversais.
Tipologia de AVC	Quando se classifica o AVC em dois grupos principais, que são do tipo isquêmico ou hemorrágico, se percebe a dominância do AVC isquêmico em 3 dos 5 artigos.
Sintomas depressivos	Nota-se a existência de sintomas depressivos pós-AVC na maior parte dos pacientes pesquisados em relação ao total pesquisado.
Idade	A faixa de idade majoritária do estudo foi de idosos entre 60 a 94 anos. No entanto, também ocorreu a participação de pessoas mais novas, entre uma faixa etária de 26 à 59 anos.
Escolaridade	Acerca dos artigos utilizados, apenas 2 entre os 5 artigos demonstraram relação do grau de escolaridade com sintomas depressivos pós-AVC, de tal maneira que o baixo grau de escolaridade agravou os sintomas depressivos.
Fator socioeconômico	Dentre os 5 artigos em estudo, se notou que os indicadores econômicos se relacionaram com os sintomas depressivos pós-AVC, de tal modo que a baixa renda econômica agrava a qualidade de vida e o quadro de depressão pós-AVC.

DISCUSSÃO

Fica evidente que o AVE afeta a vida do indivíduo em diversas escalas, sendo necessário, após o acidente, uma mudança e readaptação geral na vida dele, principalmente relacionado a aceitação dos novos hábitos a serem criados e na capacidade funcional diminuída, que foram convergentemente abordados nos artigos e relacionados aos sintomas de depressão. Uma vez que, são essas mudanças a principal causadora dos sintomas depressivos, e não a etiologia do AVE em si.

Segundo os estudos de BENTO (2017), esse quadro depressivo dificulta a reabilitação motora geral, visto que é comum o paciente apresentar sentimentos de desesperança e pessimismo, sensação de desânimo e dificuldade para se concentrar, acompanhando dos sintomas típicos depressivos, como tristeza, visão negativa de si e do mundo, alterações no apetite, sono, ânimo, perda de peso, ansiedade, perda da libido, entre outros. Já os estudos de TANAKA (2013) mostraram outro viés dessa incapacidade motora, especificamente voltada para idosos, uma vez para esse grupo de pacientes ainda há o acompanhamento do medo de queda, o que ressalta a incapacidade física, intensifica os sintomas depressivos e retarda sua reabilitação.

Sendo a segunda causa de morte no país atualmente, a doença vem diminuindo ao longo dos anos, uma vez que já ocupou a primeira posição de mortalidade (RIBEIRO; FILHO; LOSAPIO, 2009). Isso se deve ao fato dos esforços contínuos na saúde pública brasileira em acompanhar, prevenir e tratar pacientes hipertensos e portadores de diabetes mellitus, um dos dois maiores fatores de risco para o AVE (SANTOS, 2016). Entretanto, como não sendo as únicas causas, seus acontecimentos permanecem elevados e seus sintomas depressivos após o acometimento aparecem nos pacientes em 4 dos 5 estudos abordados nesta discussão. (JUNIOR, 2019; TANAKA, 2013; BENTO, 2017; BRODATY, 2007).

Essa doença, cada vez mais comum, foi observada, obrigatoriamente, nos pacientes que tiveram AVE, tornando-se cada vez mais presente um ano após o acometimento, momento em que a dependência física e incapacidade motora tornavam-se intensas e visíveis (BRODATY, 2007) e no momento que a “fase de luto”, assim chamada pelo fato do paciente acometido apresentar dificuldades de aceitação de sua doença, seu estado atual e suas novas condições de vida, tiver acabado (JUNIOR, 2019). Sendo assim, analisa-se que a depressão é uma consequência indireta do AVE, não apresentando nenhum fator químico e/ou biológico que as relacione diretamente.

CONCLUSÃO

Foi apresentado neste artigo que a diminuição da capacidade funcional não se enquadra como fator de risco, porém a dependência, que pode ser desenvolvida por uma pessoa após esse acometimento, torna-se fator de risco associado a demais quadros de AVE prévios (SANTOS, 2017). Ademais, identifica-se outros fatores de risco para o desenvolvimento da depressão em pacientes pós-AVE, como o apoio social deficiente, o menor nível socioeconômico, a presença do histórico de AVE prévio e atividades pobres da vida diária (TEIXEIRA; MENEZES; CARVALHO, 2017). Dessa forma, torna-se evidente a provável ocorrência de depressão em indivíduos em situação de pós-AVE.

Além disso, são necessários trabalhos de revisão da literatura, como esse, devido a análise de vários estudos, permitindo que possamos considerar os mais recentes acerca de determinado assunto e chegar em ponto de convergência e divergência visando focar naqueles principais sobre determinado tema.

REFERÊNCIAS

BENTO, H. N.; SANTOS, C. B. A. A Relação da gravidade da depressão com qualidade de vida em pacientes pós acidente vascular encefálico. Trabalho de conclusão de curso (Fisioterapia) - Centro Universitário do Sul de Minas, 2017.

BRODATY, H., et al. Taxas de depressão em 3 e 15 meses pós-AVC e sua relação com o declínio cognitivo: o Estudo Sydney Stroke. **Jornal Americano de Psiquiatria Geriátrica**, v. 15, n. 6, p. 477-486, junho 2007.

CANCELA, D. M. G. O Acidente Vascular Cerebral - Classificação, principais consequências e reabilitação. **O Portal dos psicólogos**, Porto, Portugal, p. 1-18, 2 maio 2008.

FERNANDES, C. S.; FALCONE, E. M. O.; SARDINHA, A. Deficiências em habilidades sociais na depressão: estudo comparativo. **Psicologia: teoria e prática**, Rio de Janeiro, v. 14, n. 1, p. 183-196, 2012.

GRACIOLI, J. Brasil vive surtos de depressão e ansiedade. **Jornal da USP**, [S. l.], 23 ago. 2018. Atualidades.

JUNIOR VENDITTI, R. et al. Alterações no estado de humor e percepção da qualidade de vida em pessoas acometidas por acidente vascular encefálico. **Caderno de Educação Física e Esporte**, v. 17, n. 1, p. 289-298, 29 mar. 2019.

MORAES, J. S. D. Ideação suicida e sintomas depressivos em idosos com plegias por acidente vascular encefálico. In: MORAES, Jesana Sá Damasceno. Depressão e ideação suicida em idosos com plegias por acidente vascular encefálico. 2018. Dissertação (Mestrado em Saúde Pública) - Universidade Estadual da Paraíba, 2018. p. 31-49.

RIBEIRO, D. S.; FILHO, E. A. C.; LOSAPIO, M. F. Terapia medicamentosa na depressão pós-acidente vascular encefálico. **Jornal Brasileiro de Psiquiatria**, p. 135-142, 2009.

SANTOS, D. P. Influência dos sintomas de depressão nas funções neuropsicológicas após acidente vascular cerebral. Universidade Federal do Rio Grande do Sul Instituto de Psicologia Curso de Graduação em Psicologia, [S. l.], p. 7- 30, dez. 2017.

SANTOS, E. B.; RODRIGUES, R. A. P.; NETO, O. M. P. Prevalência e preditores de depressão pós-AVC em idosos sobreviventes de acidente vascular cerebral. **Arquivos de Neuropsiquiatria**, São Paulo, São Paulo, v, 74, n. 8, p. 621-625, 2016.

TANAKA, A. F. D. Relação entre depressão e desequilíbrio postural em idosos que sofreram acidente vascular encefálico. **Fisioterapia em Movimento**, Curitiba, v. 26, n. 2, p. 315-320, 2013.

TEIXEIRA, A. S.; MENEZES, C. E. S.; CARVALHO, J. J. F. Depressão pós-AVC isquêmico e alterações nas funções executivas. **Revista Brasileira de Psicologia**, Salvador, Bahia, v. 3, n. 2, p. 77-88, 2017.

TENG, C. T.; HUMES, E. C.; DEMETRIO, F. N. Depressão e comorbidades clínicas. **Revista de Psiquiatria Clínica**, São Paulo, v. 32, n. 3, p. 149-159, maio/junho 2005.

VIEIRA, H. M. M., et al. Depressão em pacientes com sequela neurológica de acidente vascular encefálico. **Fisioterapia Brasil**, v. 19, n. 5, p. 176-184, 6 nov. 2018.